Bom dia a todos e todas,

Começo por dizer que é uma alegria poder compartilhar desse momento de **celebração da produção académica**. De forma quase que caricata a uma premiação voltada às conexões entre Portugal e América Latina, era suposto que eu tivesse chegado ontem ao Brasil. Em função da greve geral, meu vôo foi adiado e eis que o acaso me concedeu a honra de cá estar para narrar algumas palavras.

Este é, sem dúvida, um momento de **grande realização pessoal**, que me faz reavivar os anos dedicados a esta pesquisa. Mas, para além de relatar minha imensa satisfação com esta Menção Honrosa, eu quero aqui sublinhar o que considero alguns **ecos fundamentais do Prémio Mario Quartin Graça**.

O primeiro deles versa em torno da **criação do Prémio em si e do reconhecimento atribuído ao trabalho científico**. Vinda de uma trajetória na gestão pública, nomeadamente na política cultural, eu sempre contei com uma avaliação direta e cotidiana do meu trabalho, muito vinculada ao impacto das ações e dos projetos implementados. Diante do rigor e da solidão impostos pela pesquisa acadêmica, contar com este reconhecimento ecoa como uma **validação preciosa dos resultados obtidos**.

O segundo eco vem da **própria temática objeto deste Prémio**, reflexo este do importante trabalho desenvolvido pela Casa da América Latina. Eu me mudei para Portugal em 2019, com o intuito de cá iniciar meu curso de doutoramento – junto ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – e então retornar ao Brasil para lá concluir a minha pesquisa, que foi inclusivemente realizada em regime de cotutela. A pandemia, no início de 2020, me fez, no entanto, alterar não só meu Plano de Trabalho, como também meu Plano de Vida. Decidi ficar e hoje sou uma imigrante residente em Portugal há 6,5 anos. Nesse tempo, nós temos acompanhado algumas pretensões autoritárias e segregacionistas a ganharem espaço, assumindo rumos que historicamente não nos levaram a bom lugar. Diante desse cenário, premiar trabalhos empenhados no fortalecimento dos diálogos entre Portugal e a América Latina faz-se, neste momento, um **ato político**, que enfatiza os ganhos mútuos envolvidos na construção de pontes – em contraponto aos tantos projetos de muros que por aí se desenham.

Meu trabalho, ao transitar por periferias urbanas de Lisboa e de São Paulo, pretende justamente dar visibilidade às importantes contribuições desses territórios à produção artístico-cultural tanto no contexto lisboeta quanto paulistano. Ao falar de periferias, eu falo de **territórios predominantemente pretos, pobres e migrantes/ imigrantes**, que apesar de carregarem estigmas marcadamente negativos, são **os territórios** que, como sublinha a minha pesquisa, produzem novas linguagens e novas formas de fazer artístico, que criam novos circuitos culturais e, sobretudo, ressignificam as desigualdades socioespaciais. Pelo precioso trabalho que desenvolvem, **dedico este reconhecimento a esses incansáveis fazedores de cultura**, em minha pesquisa tão bem representados por iniciativas culturais da Cova da Moura, do Vale da Amoreira e do Alto do Lumiar, na Área Metropolitana de Lisboa, e da Favela de Heliópolis, de Ermelino Matarazzo e da Cidade Tiradentes, em São Paulo.

Termino por deixar alguns **agradecimentos fundamentais** a este meu trajeto:

- aos meus orientadores, Prof. Carlos Fortuna (Universidade de Coimbra) e Prof. Nabil Bonduki (Universidade de São Paulo), figuras não só de excecional conhecimento, mas também de profunda generosidade, assim como aos especialistas que integraram minha banca de defesa pública, professores Vera Telles (Universidade de São Paulo), Lígia Ferro (Universidade do Porto), Claudino Ferreira (Universidade de Coimbra) e José Neves (ISCTE);

- à Fundação para a Ciência e a Tecnologia - FCT, por ter apostado em minha pesquisa e financiado a sua execução;

- e, por fim, a meus familiares e, em especial, aos meus companheiros de vida, Fabio e Caetano, que sempre tão amorosamente acolheram minhas angústias e celebraram as minhas vitórias.

Obrigada.